



Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia

Flávia Augusta de Almeida

Um testamento que foi testemunho de gratidão

A doação, valor maior dos Irmãos de Misericórdia

Dos alvares da Misericórdia (que remetem à lavra do testamento de Luiz Ribeiro) aos nossos dias, interpõem-se mais de cem anos, povoados de eventos, vicissitudes e acasos, alguns de tão extraordinária natureza que poderiam ser prodígio de romancista. Nesses momentos, e por instantes, a realidade da vida comum imita e prevalece à ficção, merecendo ser contada para (re) conhecimento público.

Depois, há vidas que se inauguram sob maus presságios e negras nuvens, inclementes vaticínios insinuados por infaustos acontecimentos. Iniciada sob malfadados prenúncios, a vida da benemérita Flávia Augusta de Almeida, hoje biografada, inscreve-se neste mote e edifica a condição humana pois, quando mobilizada pela elevação moral, sucede em contrariar sortilégios e impor dignidade ao destino. A sua história ilustra, ainda, a doação como valor fundador das Misericórdias, inspirado no duplo pilar destas instituições, religioso e civil. Seja trilhando o ensinamento evangélico de rever no outro um seu semelhante, ou assumindo a doação como valor maior de relação e troca entre os homens, o Irmão de Misericórdia toma pelo exercício da doação, as obras da providência entre mãos.

Um drama e um salvador

Natural de Macinhata de Cambra, onde nasce em 1924, Flávia Augusta de Almeida era a mais velha de quatro irmãos (duas raparigas e dois rapazes, com 4 anos, 15 e 4 meses). Aos 7 anos vê a vida destroçada pela orfandade de mãe, facto cataclísmico na vida da jovem, que não conhecia pai, não havendo quem a recolhesse, ou aos irmãos, todos doentes com varíola.

A mãe falece em 28 de Outubro de 1931 na então vila de S. João da Madeira. A 31 de Outubro desse ano, o Provedor Oliveira Júnior toma notícia da desesperada condição destes órfãos e recolhe as crianças no Hospital, em quarto isolado, conforme determinação do médico, para poderem ser tratadas à enfermidade contagiosa que portavam, sem contaminação dos outros doentes. Em seguida, através do secretário da Mesa Administrativa, que era também Administrador do concelho, entra em contacto com o homólogo de Cambra para que indague as possibilidades da avó acolher as crianças, responsabilidade que esta não assume, por indigência de meios. Depois de tratados e curados, os órfãos são acolhidos no "Azilo da Infância Desvalida de Santo António", valência da Misericórdia instalada no piso inferior do Hospital e que tinha capacidade para receber 12 crianças. Apesar da sua vontade, o Provedor Oliveira Júnior confronta-se, todavia, com a inexistência de vagas, somente havendo uma cama livre, impondo o regulamento que se não excedesse a capacidade instalada.

Caritativas senhoras

O Provedor Oliveira Júnior não soçobra e enceta diligências para o acolhimento das crianças, conseguindo, em 5 de Dezembro de 1931, que as duas meninas órfãs fossem assumidas por duas senhoras da sociedade sanjoanense, Conceição Azevedo Garcia,

solteira, e Elisa da Silva Santos, casada, que se responsabilizaram pela guarda, educação e instrução destas até à idade adulta. Foi redigida uma acta inscrevendo as responsabilidades de todos, solene compromisso assinado pelos membros da Mesa Administrativa e pelas caritativas senhoras. Os dois meninos, os mais novos da fratria, continuaram à guarda da Misericórdia, beneficiando da vaga aberta pela saída de uma das crianças que estava no limiar da idade permitida para permanência no "Azilo".

Na emigração entre proeminentes

Aos 37 anos procura um novo rumo para a vida, respondendo afirmativamente ao convite da sua irmã, que, com o marido e filho, fixara residência em França. Com eles reside durante um ano, espaço de tempo necessário para ser operada e se restabelecer de doença entretanto contraída. Já em boas condições de saúde, inicia uma nova etapa entrando para camareira da família Rothschild, em Paris. A sua firmeza de carácter, postura educada e irrepreensível trato, permitiram-lhe aceder a um trabalho

à Misericórdia no primeiro volume do seu livro sobre a história desta Santa Casa: "Procurou-nos (a Misericórdia), como várias vezes nos referiu, por um impulso íntimo quase obsessivo de gratidão à Santa Casa, pelo que fez por ela e pelos demais irmãos."

Prematuramente arrebatada pela Parca indómita

Infelizmente o seu repouso feliz e tranquilo não foi prolongado pois novamente a acometeu a doença, agora uma implacável infecção sanguínea. A Misericórdia, atenta às suas necessidades, disponibiliza uma funcionária para diariamente com ela pernoitar, vigiando-a e respondendo-lhe com os cuidados necessários. A Mesa Administrativa reunida em Fevereiro de 1995 avalia os elevados custos em horas extraordinárias que esta situação gera mas, reconhecendo o estado avançado e exigente da enfermidade, opta por manter as condições. A doença não cedeu aos cuidados médicos ou aos tratamentos ministrados, quer em França quer em Portugal, e subtrai-a ao convívio daqueles que a prezavam, em 16 de Março de 1995, com 70 anos de idade. Falece depois de um prolongado e paciente sofrimento, que suportou com fé, serenidade e coragem, repousando na mesma aldeia de Cepelos onde nos anos 70 mandou erigir a sua modesta casa. Para a última morada faz-se vestir de branco integral e descalça, documentando a vida simples e casta que escolheu viver, assinalando a autenticidade da vocação religiosa (embora secular) que a animou desde os verdes anos.

A benemerência por derradeiro agradecimento

Manuel Pais Vieira Júnior, em "O Regional" de 25 de Março de 1995, depois de relatar a traços largos a complicada vida de Flávia Augusta de Almeida, e de realçar o seu carácter, escreve: "Só a Parca indómita contrariou o intento, arrebatando-a prematuramente desta vida e do convívio de quantos, como nós, a compreendiam, admiravam e estimavam."

Em depósitos e por disposição testamentária, deixou à Misericórdia valores avultados, que ultrapassavam os trinta mil contos, correspondente hoje a mais de 217.500€. Ao tomar conhecimento da grandeza e nobreza do legado, a Mesa Administrativa de imediato a reconhece como Irmã Benemérita, fazendo perpetuar a sua memória através de um quadro que a retrata e que está afixado na Casa de Repouso, equipamento onde permanecem alguns residentes que ainda com ela conviveram. A benemerência de Flávia Augusta de Almeida é para todos um exemplo de memória, gratidão e magnanimidade pois jamais iludiu sob o manto diáfano da virtude, do trabalho e do sucesso (que foi a sua vida) o sentido de gratidão para com quem a acolheu quando mais precisava. À doação do coração do Provedor Oliveira Júnior retribuiu com a doação da memória e do produto da sua vida. Esta é a mensagem do seu testamento, o sentido último da sua existência.



O apelo religioso dos verdes anos

Flávia Augusta de Almeida fica ao encargo de Conceição Azevedo Garcia, em casa de quem cresceu, acedendo a esmerada instrução e ao convívio com a jovem elite feminina da época. Aos 19 anos de idade resolve assumir a independência e ruma para junto da família natural, em Vale de Cambra. Aí reside durante dois anos, período difícil por ter sido acometida de doença. Sente então o apelo da vida religiosa e inicia-se no Convento das Irmãs Pobres, e, após se recompor da doença, continua até à idade de 28 anos na Irmandade de Maria Imaculada, de Lisboa. Regressa então a S. João da Madeira, acolhendo-se à protecção de Auta Bráulina de Oliveira, nora do Provedor Oliveira Júnior, que 21 anos antes a acolhera na Misericórdia. Esta arranja-lhe colocação no Colégio de Maria Imaculada, no Porto, onde se mantém até Setembro de 1968. Neste período, fruto do seu trabalho, realiza algumas economias que lhe permitem realizar o sonho acalentado, de construir uma modesta casa no lugar de Cepelos, concelho de Vale de Cambra.

de exigente escrutínio. O saber e eficiência que emprega foram tão favoravelmente sufragados, que os seus serviços foram requisitados por mais de duas décadas, e sempre devidamente remunerados. Trabalhou na casa da filha da princesa Brandini e transitou por residências de outros membros daquela argentária e aristocrática família. Nesta condição percorreu o mundo e trabalhou até atingir a idade da merecida reforma.

Um impulso íntimo e obsessivo de gratidão

Regressa a Portugal satisfeita por ter ultrapassado os muitos obstáculos que a vida lhe interpôs e dona de um pecúlio suficiente para dispor de um resto de vida descansado. Procura local para fruir do conforto e dos serviços que lhe salvaguardassem as comodidades que aquela fase da vida recomendam, entrecruzando-se o seu destino novamente com a Misericórdia sanjoanense, com quem celebra um contrato de ocupação vitalícia de uma fracção residencial na Casa de Repouso. O Provedor à época, Manuel Pais Vieira Júnior, que com ela privou, explica este regresso